

Claudia Paim corpo paisagem#sur, as traições da memória

Claudia Paim corpo paisagem#sur, the betrayals of memory

ELAINE ATHAYDE ALVES TEDESCO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

Este artigo propõe um olhar para obras da artista brasileira Claudia Paim, especificamente os vídeos gravados e editados por ela. Procurou-se compreender como a artista via a paisagem, para tanto, foram analisadas suas fotoperformances da série Corpopaisagem e excertos de seus escritos. O estudo foi desenvolvido a partir da memória da autora sobre visitas a exposições, consulta de arquivos e acesso aos vídeos da artista disponíveis on-line. A definição de paisagem apoiou-se nas reflexões de Michel Collot. O texto tem os eixos: Como vista por seus olhos e gravada com a câmera; Corpopaisagem; A voz, a paisagem que sai pela boca e as traições da memória.

PALAVRAS-CHAVE

Claudia Paim, corpo, paisagem, vídeo, voz.

ABSTRACT

This article proposes a new view of the work of Brazilian artist Claudia Paim, specifically the videos recorded and edited by her. The aim was to understand how the artist saw the landscape, and for that, her photoperformances from the series Corpopaisagem and excerpts from her writings were analyzed. The study was developed from the author's memory of visits to exhibitions, research on archives, and access to the artist's videos available online. The definition of landscape was based on Michel Collot's reflections. The text has the axes: As seen through her eyes and recorded with the camera; Corpopaisagem; The voice, the landscape that comes out of her mouth, and the betrayals of memory.

KEYWORDS

Claudia Paim, human body, landscape; video, voice.

1. Claudia Paim

Claudia Teixeira Paim nasceu em Porto Alegre, Brasil, 1961. Artista, com produção em performance, vídeo, fotografia e poesia, graduou-se em História (1989), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, concluiu Mestrado (2004) e Doutorado (2009) em Artes Visuais nessa mesma universidade. Foi professora nos Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado – da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil, desenvolveu pesquisas sobre coletivos de artistas e performance, tendo participado de exposições individuais e coletivas e publicado textos no Brasil e no exterior. Faleceu, precocemente, em 2018, aos 57 anos.

A exposição individual póstuma *Claudia Paim: corpopaisagem*, com curadoria de Dione Veiga Vieira, Marion Velasco e Elaine Tedesco, realizada na Pinacoteca Rubem Berta, Porto Alegre, 2018, apresentava, entre outros trabalhos, duas *playlists* de vídeos, selecionados por Velasco. Entre registros de performances, videoperformances e alguns vídeos gravados por Paim, intrigou-nos a especificidade desses últimos, pois constatamos que teciam uma trama importante entre seu olhar ao gravar a natureza e as fotografias de suas imersões na paisagem. Embora a performance tenha sido a parte mais importante de sua produção artística e estivesse majoritariamente presente entre os vídeos e fotografias da mostra, não trataremos dela aqui. Neste texto, privilegiamos os vídeos gravados e editados pela artista, propondo conexões com suas fotoperformances na paisagem. Nossas fontes foram os materiais de arquivo tornados públicos por Paim. Assistimos aos vídeos gravados por ela e lemos seus artigos, revisitamos a lembrança da Claudia poeta, irreverente, viajante que amava a natureza, misturava-se com ela e, olhando-a, registrava-a, “uma mulher em fusão com o mundo”, como escreveu (2015a).

2. Como vista por seus olhos e gravada com a câmera

A paisagem se vivencia, dá a ver e a pensar, como escreveu Collot (2013,p.19): “Um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem, senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito.” No conjunto da obra de Claudia Paim, captamos a sensorialidade provocada pela experiência corporal em sua relação com a natureza, não apenas o olhar. “A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado.” (Collot, 2013,p.26). Na contemporaneidade, sabemos que não estamos *diante* da paisagem, mirando-a como um recorte fixo, distante, enquadrado pelos cálculos de alguma perspectiva óptica, como se ela fosse descolada de nós. Se, até há pouco tempo, o pensamento sobre o conceito de paisagem evidenciava a separação ontológica entre sujeito e objeto, a interdependência entre esses é compreendida, contemporaneamente. Collot assevera: “A paisagem transgride a oposição entre sujeito e objeto. O individual e o universal; embora possa assumir todos os valores da afetividade mais íntima, a convergência desses olhares faz dessa afetividade um lugar para mim e para os outros.” (Collot, 2013,p.27). Em relação, coexistimos com o mundo. “A paisagem implica um sujeito que não reside mais em si mesmo, mas se abre ao fora. E dá argumentos para uma redefinição de subjetividade humana, não mais como substância autônoma, mas como relação.” (Collot, 2013,p.30).

Entendemos a presença da paisagem na obra de Claudia Paim, como resultado de vivências em fricção com o ambiente natural, na dimensão que inclui o invisível e o sensorial nos dispositivos de captura a partir de 2011, quando tornou-se professora do curso de Artes Visuais da FURG, na cidade de Rio Grande e passou a morar na praia do Cassino. “Como possuo duplo domicílio, estou em permanente deslocamento entre as cidades Porto Alegre e Rio Grande. Assim, minha atenção começou a ser mobilizada pela paisagem, além disso, nesta última cidade há a imensidão lisa dos espaços do litoral sul e do pampa.” (Paim, 2015a,p.2276).

Segue a sua descrição sobre a paisagem onde passou a residir:

A larga faixa de areia que se vislumbra a partir do mar estende-se silenciosa e vazia em direção ao horizonte onde funde-se com o liso verde dos campos. Esta parte do Brasil, o extremo sul, já próximo da fronteira com o Uruguai, é um vasto território pouco povoado por humanos, mas onde habitam aves, insetos e animais marinhos. Pela beira do mar pode-se ir até a barra do Chuí, onde um estreito braço de água divide os dois países. O Cassino compreende mais de 200 km de uma única praia plana e inóspita. Nela, quase não se encontram casas, mas pequenas ruínas e abrigos precários isolados entre si. Há dois faróis: o Sarita é triste e desocupado, mais além, o Albardão surge como um dos últimos lugares habitados. Depois, apenas a ventania, a areia e o mar agitado e cinzento. (Paim, 2015b,p.181-190).

Claudia conhecia bem as sensações e percepções provocadas por tal paisagem. O mar, o sal e o insulamento tornaram-se presenças constantes em sua vida e afetaram-na. A areia batendo na pele, o gosto do sal na boca, a maresia que embaça o olhar, o horizonte aberto, uma imensidão sem fim, o vento forte, as casas vazias, tantas delas já abandonadas, levaram a fantasmática do abandono à sua poética. “A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado.” (Collot, 2013,p.26).



Figura 1. Claudia Paim, *Corpo imerso sul*, frames do vídeo, 2014.

Fonte: canal Claudia Paim no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=-VGJxFjvATI>)



Figura 2. Claudia Paim, *Corpo imerso sul*, frames do vídeo, 2014.

Fonte: canal Claudia Paim no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=-VGJxFjvATI>)



Figura 3. Claudia Paim, *Corpo imerso sul*, frames do vídeo, 2014.

Fonte: canal Claudia Paim no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=-VGJxFjvATI>)



Figuras 4 e 5: Claudia Paim. *Corpo imerso norte*, 2014, vídeo cor, 2'40".

Fonte: canal Claudia Paim no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=8u6JttgNcM>)



Figura 6: Claudia Paim, *Corpo Paisagem#Sur*, 2013, videoperformance, *frames* do vídeo.

Fonte: canal Claudia Paim no Vimeo (<https://vimeo.com/71915967>)

Em seus vídeos, Claudia mostra o ponto de vista de sua presença no mundo. *Alamedas, caminhar*, 11'44", 2012, inicia o percurso de mudanças que aconteceriam em sua obra, nos anos seguintes, seu olhar explicita a conexão com a natureza, nesse vídeo, as imagens são uma sequência de fotografias de uma caminhada pelas alamedas de um jardim. Os vídeos *Corpo imerso sul*, 6'17" e *Corpo imerso norte*, vídeo cor, 2'40", 2014, foram criados para exposição coletiva + *Extremos*, realizada com Adriana Tabalipa e Dione Veiga Vieira, ocorrida na Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, Brasil. O primeiro, *Corpo imerso sul*, traz imagens de três diferentes geografias do Rio Grande do Sul. Para o primeiro plano, a artista registrou, com a câmera na mão, o mar em plano aberto num dia de sol; depois, reenquadrou a vista do mar pelas frestas de uma casa em ruínas. A tomada seguinte, novamente, em plano aberto, é de uma plantação de arroz, o vento mostra-se pelo movimento das folhas, e as nuvens pela oscilação entre luz e sombra. A terceira tomada é um plano contínuo, de um nevoeiro que passa encobrindo a cena, ao final, chove um pouco e um raio de Sol instala-se no horizonte. Já o segundo vídeo, *Corpo imerso norte* foi editado usando dois *takes* de plano aberto, enquadrando as ondas do mar estourando sobre as pedras, seguidas do repuxo das ondas – uma corrente de retorno, poderosa. O mar está agitado, refletindo o azul do céu, e mistura-se a ele no horizonte. Ao assisti-lo, percebemos a força das águas e o choque com as pedras entre correntes, apesar de o vídeo ser silencioso, temos a sensação de escutar o som do mar batendo nas pedras. Bordas movediças se instalaram entre o seu olhar e a força do mar e chegam até nós. Além das imagens, que nos dão a sua presença indireta, elementos como conchas e o sal, tornaram-se importantes em seus trabalhos, com os quais encobria seu corpo. Uma vez falando sobre a performance *Corpo Impossível*, na qual ela ficou deitada, nua, e cobriu todo o seu corpo com sal grosso, 2017, disse – “Foi incrivelmente intenso, só que depois meu corpo coçava todo”, e deu uma grande gargalhada.

Corpo Paisagem#Sur, 2013, P/B, 8'2" é, talvez, o único de seus vídeos, gravados na praia, em que ela não registrou somente a paisagem. Este é um dos cinco vídeos classificados pela artista como videoperformance em seu *website*. Nesse trabalho, Paim acoplou a câmera ao corpo. A ação inicia com uma corrida circular num espaço fechado e, depois, continua à beira-mar. A câmera corre com ela, registrando o chão, enquadrando parte de suas pernas e seus pés. As cenas revelam a paisagem por fragmentos – o *parquet*, os degraus das escadas, os ladrilhos, a areia, as conchas – e propõem uma vertigem ao nosso olhar. O desenho de som, criado por Ulisses Ferreti, tem como base a cadência de sua respiração, dando intensidade ao clima de aceleração e cansaço da trajetória, que termina em pausa, com sua aproximação ao solo.

Seus textos fazem referência ao conceito “corpo vibrátil”, formulado por Suely Rolnik. A autora nomeia *corpo vibrátil* a capacidade subcortical presente em todos os nossos sentidos, “nos permite apreender o mundo em sua condição de campo de forças que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações” (Rolnik, 2006, p.3). A autora considera que a lógica do corpo vibrátil e a capacidade cortical correspondem à percepção, como duas lógicas distintas e irreduzíveis, e afirma existir um paradoxo entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção. O que nos permite inferir que Claudia Paim vivia a paisagem e trabalhava conscientemente com os paradoxos irreduzíveis entre essas duas capacidades dos sentidos humanos em sua poética.

3. Corpopaisagem

A série *Corpopaisagem* (2013-2014) apresenta fotoperformances que ela definiu em seu site como “uma ação ou colocação em cena onde o corpo visa produzir uma imagem para ser capturada por dispositivo fotográfico”. Nessas fotografias, a artista é retratada na paisagem em posições de pausa (sentada, deitada, agachada). Paim escreveu que, para isso, precisava descobrir partes de seu corpo na interação com o corpo do outro, “tenho de estar

de poros bem abertos.” (Paim, 2015a,p.2272). De poros bem abertos para que a permeabilidade entre seu corpo e os demais estivessem num fluxo contínuo, enquanto fosse fotografada, como parte do todo. Em *corpopsaiaem#abandono*, Claudia Paim está sentada, nua, na frente a uma casa em ruínas, como se dali contemplasse a natureza; em *corpopsaiaem#amálgamas* (Fig. 7), está deitada na areia da praia entre restos de um barco; em *corpopsaiaem#naufrágio*, está agachada em meio à carcaça de um barco na areia. Por seu depoimento, entendemos que as escolhas foram feitas em parceria com quem fotografou as cenas, “Há sempre uma troca com as pessoas. Em geral, por despir-me e/ou colocar-me em uma situação pouco usual, ocorre uma aproximação e uma conversa onde tanto eu como o fotógrafo acabamos falando sobre arte” (Paim, 2015a,p.2275). A composição sugere ter sido obtida com uma lente de 50mm, sem deformação da perspectiva e com boa captura de profundidade de campo. As cenas são diurnas, a sua presença ocupa uma pequena área da imagem, que, sem dúvida, tem a natureza perto do litoral como objeto principal. Claudia procura camuflar-se amalgamando seu corpo ao entorno. “Estas imagens foram produzidas para dar conta da percepção que tinha e tenho de ser também paisagem.” (Paim, 2015a,p.2276) Nessas fotografias, seus olhos estão quase sempre fechados. O seu isolamento e o vazio dos lugares são constantes. Nos subtítulos escolhidos, encontramos rastros da ordem do invisível. Devastação, naufrágio, amálgama, abandono – o que ou quem? Que sentidos podemos entrever? “Passei a me sentir tão paisagem quanto o que meus olhos viam. Daí nasceram fotoperformances onde busco me dispersar no mundo formando com ele um único corpo. Sou *eumundo*.” (Paim, 2015a,p.2276).



Fig. 7. Claudia Paim, *corpopsaiaem#amálgamas*, 2014, fotoperformance.

Fonte: <http://www.claudiapaim.site>

4. A voz, a paisagem que sai pela boca e as traições da memória

A paisagem foi evocada na performance *Entre a minha boca e o teu ouvido*, por ocasião da exposição *[Des] Compostos*, com Dione Veiga Vieira (Galeria Península, Porto Alegre, Brasil, agosto de 2017), registrada em vídeo com imagens gravadas por Denis Rodrigues, áudio por Leonardo Remor e edição de Claudia Paim. Já se passaram cinco anos, desde que presenciamos a performance e como nossa memória contém muitas imprecisões, assistimos ao vídeo que a documenta e buscamos alguns depoimentos.



Fig. 8. Claudia Paim, *Entre a minha boca e o teu ouvido*, 2017. Sequência de stills do vídeo, por Caroline Sant'Anna. Fonte: <http://www.claudiapaim.site>

O uso da voz como acontecimento performático foi explorado pela artista anteriormente em alguns trabalhos e no artigo escrito por ela *Textos e voz na arte contemporânea*, no qual analisa esse material e explicita sua pesquisa e interesse pelo trabalho com a voz como uma decorrência da procura em dar vazão aos seus textos mais poéticos, especialmente desde 2014, quando passou a sistematizar o registro de sua voz durante as viagens: “comecei de maneira mais sistemática a registrar minha voz ao falar pequenos textos que eram criados, geralmente, em situações de deslocamento” (Paim, 2016,s/n). No artigo, ela destaca o trabalho *Acontecimentos sonoros* - um conjunto de proposições com o uso de frases da autora desenvolvido a partir de 2014. “Seu sentido reside em duas camadas que se conectam: o sentido do texto e o sentido da experiência acústica (de escutar). São proposições breves, carregadas de carga poética e sem nenhuma outra razão de ser, exceto a sua própria produção” (Paim, 2016,s/n). Esse processo que pretendia o compartilhamento no cotidiano “numa escala íntima e pessoal” pensava o “contato entre boca e ouvido possibilitado por uma mídia móvel [...] carregadas das sensações e da emoção no momento de sua criação” (Paim, 2016,s/n).

Claudia estava vestida de preto, sentada num banco, no jardim, com uma parede de tijolos ao fundo. E iniciou a performance dizendo: “Eu me lembro, eu me lembro eu era bem pequena era quando a gente ia pro litoral, era uma estrada cheia de curvas, e tinha uma parte que o nível ficava bem acima da lagoa, então eu via”, levou a mangueira com água para jorrar em sua boca e continuou dizendo: “eu via a lagoa, a lagoa com árvores, [...] era bonita, muito bonita [...] tudo azul, e eu me lembro que eu gostava de olhar lá [...] de cima [...]”. Dione Vieira (2018,s/n) relatou sua impressão: “O que ouvíamos então era um estranho e contínuo murmúrio: o som de uma voz que se misturava ao ruído borbulhante da água.” Ela segue contando e descrevendo paisagens recordadas por alguns de seus amigos. Para cada lembrança, uma introdução segurando a mangueira dobrada, seguida pelo jorro de água em sua boca ao descrever as paisagens. Elcio Rossini, assistindo ao vídeo recentemente, apontou-nos o cerne do conflito: “Nessa performance Claudia cria um obstáculo para suas palavras. [...] Um embate tem lugar, a arena é a boca, a luta é entre as palavras que descrevem lembranças, e a força de um jato de água que as impedem de serem articuladas com clareza” (Rossini, 2022,s/n). Durante a ação, para introduzir as suas lembranças pessoais, a artista dizia – “eu me lembro também [...]” e recomeça a narrativa. Em 2017, Carina Sehn escreveu sobre esse trabalho no texto *A performance é um acontecimento. Um ato de vida. Uma coisa que é*. “A paisagem se transformava tão abruptamente que nós próprios ali sentados, de pé, escorados, não importa, todos estávamos ali observando atentos, capturados pela presença indubitável da artista.” (Sehn, 2018,s/n).

5. Por fim

Ao final da performance, Claudia faz uma reflexão, antes de oferecer a mangueira para os presentes: “Eu fiquei perguntando qual é a primeira ideia, qual é a primeira lembrança de paisagem que essas pessoas tinham tido, e é sempre uma surpresa quando a gente descobre o que fica como lembrança de paisagem na cabeça dos outros” (então, novamente, leva a mangueira à boca) e recomeça a descrever outra paisagem, poucas palavras conseguimos decifrar. “Água e as palavras se misturam na boca, escorrem com a água, perdem a legibilidade. E nós assistimos emocionados esse drama que a artista vive para nos mostrar a impermanência das lembranças.” (Rossini, 2022,s/n).

As palavras se perdem assim como a memória, a experiência de uma paisagem evidencia a sua impossibilidade de transmissão. Quando vivenciamos a paisagem, todo o nosso corpo vibrátil com ela se integra, somos afetados, queremos tornar essa experiência em linguagem. O fracasso está garantido. É no abismo de entendimentos entre o sujeito e os outros que tramamos nossos afetos, nas traições da memória.

Referências

COLLOT, Michel (2013) **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.

PAIM, Claudia (2015) a “Poros abertos: corpo em ação e dispersão.” *Anais, ANPAP*. [Consultado em 05-02-2022] Disponível em URL: <https://www.claudiapaim.site/textos-de>.

PAIM Claudia (2015) b “Para olhar o mar através dos teus olhos: um corpo vibrátil entre dois continentes.” **Revista Croma, Estudos Artísticos**. ISSN 2182-8547, e-ISSN 21828717. Vol.3 (6): 180-185.

PAIM, Claudia (2016) “Textos e voz na arte contemporânea.” [Consultado em 05-02-2022] Disponível em URL: <http://claudiapaimperformance.blogspot.com/2016/08/artigo-textos-e-voz-na-arte.html>

ROLNIK, Suely (2006) “Geopolítica da cafetinagem.” Núcleo de Subjetividade, SP. [Consultado em 05-02-2022] Disponível em URL: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>.

ROSSINI, Elcio (2022). Depoimento à autora por e-mail, 4 de fevereiro, 2022, Porto Alegre.

SEHN, Carina. (2017) “A performance é um acontecimento. Um ato de vida. Uma coisa que é.” In: AA. VV. Sobre Claudia Paim, Para Claudia Paim. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102. [Consultado em 06-02-2022] Disponível em URL: <https://performatus.com.br/perfil-de-artista/claudia-paim/>

VIEIRA, Dione Veiga. (2018) “19 de dezembro de 2018” In: AA. VV. Sobre Claudia Paim, Para Claudia Paim. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102. [Consultado em 06-02-2022] Disponível em URL: <https://performatus.com.br/perfil-de-artista/claudia-paim/>

Sobre a autora

Elaine Athayde Alves Tedesco é Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Artista plástica com produção em fotografia, vídeo instalação e videoperformance. É professora associada no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atua junto ao Departamento de Artes Visuais na área de fotografia e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Docente no Mestrado e do Doutorado Interinstitucional entre FAARTES/UFAM, Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas, e PPGAV/IA/UFRGS (MINTER e DINTER, respectivamente desde 2019 e 2022). Concluiu as pesquisas Procedimentos de contato: desdobramentos da fotografia em imagem numérica na arte da atualidade (2010/ 2012) e Videoarte: o audiovisual sem destino (2012/2022) atualmente desenvolve a pesquisa Imagem Movente, das ações com a câmera à instalação narrativa. Coordena o grupo de pesquisa Audiovisual Sem Destino. Coordenou o Programa de Extensão Laboratório de Imagem e Tecnologia, Departamento de Artes Visuais (2011/2018) do qual atualmente é Vice-coordenadora. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS na gestão 2015-2017.

elaine.tedesco@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/3522735126156406>

<https://orcid.org/0000-0003-1530-9943>

Recebido em: 16-03-2022

Como citar

TEDESCO, Elaine Athayde Alves (2023). Claudia Paim corpo paisagem#sur, as traições da memória. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.4, n.1, p.67-77, jan./jun. <https://doi.org/10.14393/EdA-v4-n1-2023-64863>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.